

## Como las convenciones viajan: Notas etnográficas sobre clubes de “sexo duro” em Madri

Camilo Albuquerque de Braz<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, trago alguns apontamentos etnográficos sobre os chamados clubes de “*sexo duro*” para homens em Madri, na Espanha. Inicialmente, abordo exploratoriamente os *leather sex clubs* norte-americanos e europeus de meados dos anos 1970 e 1980. Esse exercício é importante para localizar algumas referências culturais que “viajaram” nos anos 1990 para outros contextos. Busco, ainda, analisar o modo como convenções de gênero operam nesse mercado. Levanto a hipótese de que nesses locais pode-se observar a exacerbação, incorporação e encenação de elementos que supostamente compõem a “masculinidade heterossexual” e a virilidade estereotipadas.

**Palavras-chave:** Masculinidades, Homossexualidades, Mercado, Espanha.

### Como las convenciones viajan – Ethnographic notes on “hard sex” clubs in Madrid

**Abstract:** *In this paper, I present some ethnographic notes on “hard sex” clubs for men in Madrid, Spain. Initially, I approach American and European male sex clubs from the mid-1970s and 1980s exploratively. This exercise paved the way for locating some cultural references which “traveled” in the 1990s to other contexts. I*

1 Professor da Faculdade de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG).

*also aim to examine how gender conventions operate in this market. I hypothesize that in these venues one can observe the exacerbation, embodiment and enactment of elements that supposedly form stereotypical “heterosexual masculinity” and virility.*

**Keywords:** *Masculinities, Homosexualities, Market, Spain.*

## Introdução

Um dos principais elementos que me levaram a estudar antropologicamente clubes de sexo masculinos em meu doutorado<sup>2</sup> foi a percepção de que eles constituíam um mercado que dialogava fortemente com convenções de gênero. Tais estabelecimentos surgiram em São Paulo no final dos anos 1990, buscando diferenciar-se dos locais comerciais “tradicionais” para sexo entre homens, como saunas e cinemas pornôs, flertando com “fetiches” presentes na pornografia *gay* e apropriando-se de elementos historicamente construídos em torno dos *leather sex clubs* norte-americanos e europeus de meados dos anos 1960 a 1980 (Braz, 2010).

Segundo James Clifford, a etnografia, nas “práticas normativas” da Antropologia ao longo do século XX, privilegiou as relações “de moradia” sobre as “de viagem”. Com essa provocação, o autor pretende apontar como os/as etnógrafo/as clássicos/as tenderam a desconsiderar o quanto “a cultura” pode ser pensada, para além das ideias de tradição e identidade – ou para além de sua fixação em territórios específicos –, também a partir das suas “relações de viagem”. O autor pretende legitimar um olhar “sobre como pessoas deixam o lar e retornam, ordenando mundos diferentemente centrados, cosmopolitismos interligados” (Clifford, 2000: 61). Ele lembra que esse deslocamento não é necessariamente literal – a própria televisão, rádio, turismo, exércitos (e poderíamos talvez incluir a internet) – permitiria um contato entre mundos locais/globais que influencia a maneira como os sujeitos podem ser “localizados culturalmente”. Além disso, para ele, pensar em “culturas viajantes”, que também são “produzidas” em suas

2 Realizado na Unicamp e orientado pela Dra. Maria Filomena Gregori. Durante sua realização, surgiu a oportunidade da realização de um estágio de doutorado no Departamento de Antropologia Social da Universidad Complutense de Madri, junto ao professor Fernando Villamil Pérez, que havia coordenado uma investigação acerca dos locais comerciais para sexo entre homens da capital espanhola, incluindo clubes de sexo. Eu estudava justamente o surgimento desses clubes no Brasil. Para além de permitir a apresentação de resultados preliminares da minha pesquisa a pesquisadores/as espanhóis, essa experiência (financiada pela CAPES entre agosto de 2008 e fevereiro de 2009) me permitiu conhecer alguns dos clubes de sexo locais, bem como seus idealizadores e frequentadores.

“viagens”, implica a necessidade de levar em consideração as relações de poder que permeiam esses processos.

Neste trabalho, apresento alguns apontamentos etnográficos sobre os chamados clubes de “sexo duro” para homens em Madri, na Espanha. Inicialmente, abordo exploratoriamente os *leather sex clubs* norte-americanos e europeus de meados dos anos 1970 e 1980. Esse exercício é importante para localizar as referências que criaram determinadas convenções, que “viajaram” nos anos 1990 para outros contextos. Ainda que, como Clifford, tenha de reconhecer que “o que estou propondo aqui são questões para pesquisa, não conclusões” (Clifford, 2000: 64).

### Virilização, couro e homossexualidade

Uma série de autores/as localiza, na década de 1970, nos Estados Unidos, uma espécie de “virada” relativa às definições socioculturais em torno da “masculinidade” entre homens *gays*. Há uma ideia recorrente de que essas mudanças partem da chamada “liberação *gay*”, que tem como marco os confrontos ocorridos no bar *Stonewall Inn* em 28 de junho de 1969. De acordo com Peter Fry e Edward MacRae, o evento “é para o movimento homossexual algo parecido com a tomada da Bastilha para a Revolução Francesa” (Fry e MacRae, 1985: 96).

Na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado *Stonewall Inn*, localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o “gueto” homossexual de Nova York. O que era para ser simplesmente uma ação policial rotineira, suscitou uma reação inédita. Os frequentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro [...]. Pouco depois, a Frente de Libertação Gay lançou seu jornal, *Come Out* (Assuma-se), e decretou-se a data de 28 de julho como “Dia de Orgulho Gay”, em comemoração desse “mito de origem”. (Fry e MacRae, 1985: 96-97)<sup>3</sup>

Como lembra Tim Edwards, a palavra “liberação” é problemática para aquelas/as que trabalham da perspectiva foucaultiana, ligando-se à ideia de que havia, antes dela, algo “reprimido” para poder ser “liberado” (Edwards, 2005). Talvez seja igualmente interessante pensar na década de 1970 não apenas como

3 Um bom filme que narra esse ocorrido é *Stonewall – The Movie*, de 1996, dirigido por Nigel Finch e produzido por Christine Vachon.

de “liberação” sexual, mas também como de “produção” ou “reordenação” de imagens e estereótipos associados às sexualidades não heterossexuais.

A partir de seus estudos sobre a “comunidade *gay leather*” (couro) de São Francisco nos anos 1960 e 1970, Gayle Rubin identificou uma articulação ou conexão entre preferências sexuais consideradas “dissidentes” (fetichismo, sadomasoquismo etc.) e o masculino. Ela investigou o processo pelo qual algumas práticas ou desejos sexuais, que em certa época foram completamente “estigmatizados, escondidos ou disfarçados”, passaram a ser considerados “normais e desejáveis” (Butler e Rubin, 2003). A autora indica que os *gays leather* estavam inseridos em um contexto mais amplo de apreciação de práticas e experimentações sexuais, do qual faziam parte também lésbicas, heterossexuais e bissexuais. O couro seria então um símbolo polivalente que, em certo sentido, vai além do seu uso, estando associado ao gosto pelo *kinky sex*, adquirindo sentidos diferentes para os indivíduos e grupos nessas “comunidades” *leather*.<sup>4</sup>

Rubin definiu o *leather gay* como “uma categoria ampla que inclui homens *gays* que praticam o sadomasoquismo, fazem a penetração anal com o punho (*fist-fucking*),<sup>5</sup> são fetichistas, másculos e preferem parceiros tidos como masculinos”. Tratava-se, portanto, de uma forma bastante peculiar e interessante de combinar determinadas práticas sexuais com a rearticulação de convenções de sexualidade e gênero<sup>6</sup> – o desenvolvimento da chamada “comunidade *gay leather*”, segundo a autora, fez parte de um longo processo histórico no qual a “masculinidade” foi reivindicada, afirmada e reapropriada por homens *gays* norte-americanos.

4 Valerie Steele é outra autora que aponta como o couro está ligado a práticas sadomasoquistas, não apenas entre *gays*. Para ela, embora já povoasse o chamado “imaginário homoerótico” desde o início do século XX, essas vestimentas constituíram, nos anos 1960 e 1970 (após a “liberação *gay*”), um estereótipo entre os homens *gays* (Steele, 1997).

5 O “*fist-fucking*” é também conhecido como “*fisting*” ou “*handballing*”. É uma técnica sexual na qual a mão e o braço, ao invés do pênis ou de um dildo, são usadas para penetrar um orifício corporal. O *fisting* usualmente refere-se à penetração anal, embora os termos sejam também utilizados para a inserção de uma mão em uma vagina. Entre os homens *gays*, os “*fisters*” seriam um subgrupo particular que desenvolveram uma rica lista de comportamentos e terminologias envolvendo suas práticas sexuais. Dentre elas, destaca-se, em primeiro lugar, “*the manicure*”. Rubin diz que mesmo antes da Aids, os *fisters* buscavam minimizar ferimentos. Era requerida uma completa manicure para garantir que as unhas não cortariam o tecido retal. A manicure implicava cortar as unhas bem curtas e usar lixas para evitar pontas. Outra técnica era “*the douche*”. Por razões tanto estéticas quanto de saúde, os *fisters* desenvolveram o hábito de limpar o reto e o cólon com um enema completo, e esse enema ficou conhecido como ducha. Aqui no Brasil é comum entre os *gays* referir-se a essa técnica como “xuca”. Outra técnica importante para o *fisting* é a lubrificação. Um sexo anal confortável requeria lubrificante. Um *fisting*, vastas quantidades dele (Rubin, 1991: 122).

6 A esse respeito, ver também Piscitelli (2003).

Os primeiros bares *gays leather* e clubes de motocicleta dos Estados Unidos surgiram na metade dos anos 1950, em cidades como Nova Iorque, Los Angeles e Chicago (Rubin, 1991). Eles foram formados por redes de pessoas que, antes de seu surgimento, costumavam encontrar-se em festas realizadas privadamente, em casas e apartamentos de uma ou duas pessoas, ocupadas por meio de redes informais de orientação. Foram essas redes, formadas ao longo das décadas de 1940 e 1950, que levaram, segundo Rubin, ao surgimento dos primeiros bares *leather*. As festas foram, assim, mecanismos importantes para a construção e manutenção de comunidades *leather* e S/M,<sup>7</sup> antes do surgimento de um mercado voltado a essas práticas.

O surgimento desses clubes de sexo *leather* não se restringiu aos Estados Unidos, também ocorrendo na Europa. Num *website* dedicado à “história do fetiche *gay leather*”, mantido por um casal de *leathermen gays* holandeses desde 1996, afirma-se que em 1955 o Hotel Tiemersma (entre 1958 e 1959 renomeado Argos) abriu em Amsterdã.<sup>8</sup> Ele ficou famoso por abrigar o primeiro bar *leather* da Europa. Os quartos do hotel não fechavam direito, então era um local para “sexo *gay* masculino fácil e pesado”. Nos Países Baixos, desde 1811, a homossexualidade, desde que não praticada em lugares públicos, não era considerada crime. Segundo os autores, a chamada “subcultura *leather*” de Amsterdã foi supostamente importada da Inglaterra, sendo Amsterdã a primeira cidade a ter bares como esses.<sup>9</sup>

Em São Francisco, onde Rubin (1991) concentrou sua pesquisa, o aparecimento dos estabelecimentos *gays leather* deu-se nos anos 1960. O primeiro bar *leather* de São Francisco, *Why Not*, abriu no início da década e fechou em pouco tempo. Já o primeiro clube de sucesso, ainda nessa década, foi o *Tool Box*. Segundo a autora, apesar da população *leather* em São Francisco não ser tão expressiva quanto em Nova Iorque e Chicago, uma série de fatores, incluindo uma tradição de relativa “liberdade sexual” e “tolerância social”, contribuíram para sua emergência como um dos mais extensos, diversos e visíveis “territórios *leather*” do mundo.

Em 1964, a revista *Life Magazine* falou da comunidade *gay leather*, embora de modo bastante preconceituoso. Na matéria, chamada “Homossexualidade

7 S/M é uma abreviação para “sadomasoquismo” e é um uso êmico já bastante antigo. Essa sigla aparece em parte da bibliografia, designando jogos eróticos inspirados em fantasias de dominação e submissão (a esse respeito, ver Gregori [2004] e Facchini [2008]).

8 Disponível em: <<http://www.cuirmale.nl>>. Acesso em: 10/12/2009.

9 O bar Argos ainda existe. Um de meus colaboradores brasileiros falou sobre ele em nossas conversas. Ele é muito amigo do atual dono do bar, que inclusive também é brasileiro.

na América”, mostravam o bar *Tool Box* de São Francisco. Parte dela está transcrita no website “*Gay Leather Fetish History*”.

Os autores do site contam que, ainda nos anos 1960, bares *leather* similares abriram na Inglaterra e na Dinamarca. Nas duas décadas seguintes, mais bares surgiram em outros locais. Em 1977, havia na região de São Francisco, segundo matéria publicada na *Drummer Magazine*,<sup>10</sup> mais de 20 bares.

É na década de 1970, segundo Rubin, que cresce e se segmenta um expressivo mercado *leather* nos Estados Unidos. É também nela que surgem, ao lado dos espaços comerciais para práticas ligadas ao sadomasoquismo (S/M), as primeiras organizações S/M políticas, como a Samois, a primeira organização S/M lésbica (Rubin, 2004).

Nos anos 1970, as festas *leather* entre homens foram “incrementadas” e realizadas em bares específicos, tais como a *New York’s Mineshaft*, realizada no clube nova-iorquino homônimo, ou a *Inferno*, no *Chicago Hellfire Club*. Esta última era uma festa anual que durava um final de semana inteiro, voltada para sadomasoquistas, realizada a partir de 1976. Tanto no primeiro quanto no segundo clube, a entrada era permitida somente com convites.

Em 1975, é criado em São Francisco o *Catacombs*, clube que rapidamente torna-se referência para festas *leather* e para a prática do *fist-fucking*. Ele, segundo Rubin (1991), foi uma espécie de “Meca” da prática, atraindo *fisters* de todo o Ocidente para participar de suas festas.

O *Catacombs* foi formado por Steve McEarchern, um “visionário sexual” que, segundo Rubin, estebeleceu como seu “ganha-pão” um ambiente no qual ele poderia gozar do tipo de intensidade sexual de que gostava. Sendo bissexual, Steve era favorável à entrada de mulheres no clube, a despeito das reclamações de boa parte de seus frequentadores.

Assim, apesar da prevalência maciça de homens *gays* praticantes do *fisting*, o *Catacombs* acabou se convertendo num ambiente para “*kinky people*” em geral – homens e mulheres, heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, interessados em experimentações sexuais que incluíam por vezes práticas sadomasoquistas (Rubin, 1991). Muito embora as noites de sábado tenham permanecido primordialmente masculinas, sobretudo para aqueles interessados no *fisting*.

Segundo Rubin, a tecnologia desenvolvida por Steve no *Catacombs* para suas festas fez tanto sucesso que passou a ser adotada por outros clubes, sendo uma espécie de *convenção* para os clubes de sexo masculinos até os dias de hoje.

10 Revista *gay* de temática *leather* surgida nos Estados Unidos em 1975.

Inclusive para o Mineshaft, surgido já nos anos 1970 em Nova Iorque, que foi etnografado por Joel Brodsky.

O Mineshaft era um bar e um clube de sexo que se manteve aberto durante alguns anos no Meatpacking District do Lower West Side de Manhattan. O bar se tornou muito famoso entre os homens homossexuais, falou-se dele na imprensa *gay*, além de ter sido um marco para a pornografia. No final de 1985, em uma atmosfera de manchetes sensacionalistas, agitação da direita e pânico a propósito da aids no sistema escolar público, o bar foi fechado, sem dúvida por razões políticas, por ordem das autoridades do Estado de Nova Iorque. (Brodsky, 2008: 197)

De acordo com Thomas Weinberg, Brodsky, “ao descrever as relações que se produziam no interior do estabelecimento do ponto de vista de um participante, responde à questão ‘Por que as pessoas iam ao Mineshaft?’” (Weinberg, 2008: 120). A resposta de Brodsky é que o bar servia para atenuar o risco de forma organizada, oferecendo um lugar seguro no qual o sadomasoquismo podia ser praticado na presença de sujeitos com “experiência” nele. Era aquele um ambiente que facilitava a socialização na chamada “subcultura” do sexo de couro, servindo como um “ponto focal para a atividade ritual simbólica entre os *gays*” (Weinberg, 2008: 121).

O autor, como os demais, salienta o “movimento de liberação *gay* dos anos 1970” como aquele em que se desenvolveu com mais força a segmentação do mercado *gay*, que, se já existia antes de Stonewall, após o evento se torna ainda mais expressivo. Um contexto também no qual o “mundo S/M tradicionalmente fechado se abriu e tornou-se mais acessível aos *gays* ‘não iniciados’”.

Na etnografia está presente a ideia de que o clube era visto por seus participantes como um espaço menos perigoso do que os locais públicos para o sexo. O Mineshaft chegou a ser cenário para um filme, *Cruising* (1979) e Brodsky lembra como proprietários e clientes acharam que tal fato poderia desconstruir certa “aura negativa” em torno deles.<sup>11</sup>

De acordo com o autor, o Mineshaft facilitava desde o sexo “convencional” até as práticas como *fisting* e flagelações com chicotes ou cera quente. Havia uma proporção relativamente maior de homens com mais de 40 anos em

---

11 Porém, segundo o autor, o filme dava a entender que a violência era algo inerente ao mundo do couro e ao S/M, “e mesmo à comunidade *gay*” (Brodsky, 2008: 205), tendo causado polémica entre os participantes do clube.

comparação aos outros locais declaradamente *gays*, como as discotecas. E códigos específicos de vestimenta: isso incluía a proibição de qualquer desenho nas roupas, gravatas, roupas sociais ou calçados sociais, “roupas do sexo oposto” e colônias. Eram aprovadas, por outro lado, roupas associadas à “virilidade da classe trabalhadora”: calça *jeans* e couro, camisetas, botas, blazers de lenhador, uniformes e “suor sem adornos” (Brodsky, 2008: 210). Para ele, o Mineshaft proporcionava um entorno para a experimentação sexual com limites, que se podia exercer na presença de “pessoas experientes”.

Assim, para um conjunto de autores, a afirmação pública da “hipermasculinidade” por parte de *gays* norte-americanos nos anos 1970 teve como um de seus efeitos o surgimento dos chamados bares e clubes de sexo *leather*, que se tornaram uma espécie de *convenção* cultural. Um dos grupos a dialogar com ela foi, da perspectiva de alguns autores, o dos “clones” (Edwards, 2005).<sup>12</sup>

Para Martin Levine, alguns dos ativistas pós-Stonewall rejeitaram a ideia, até então socialmente difundida, de que os *gays* eram necessariamente “afeminados”. Se até os anos 1960, nas palavras do autor, havia um “estigma” (e ele inspira-se em Goffman) que apontava a masculinidade *gay* como “falha”, a partir da chamada “liberação *gay*” esse cenário muda. O próprio discurso militante buscava fugir dos estereótipos tradicionalmente imputados aos *gays*, dentre os quais figuravam noções de “imoralidade, patologia e efeminação” (Levine, 1998: 26-27).<sup>13</sup>

No começo dos anos 1980, Levine defendeu uma dissertação que foi fruto de um trabalho de campo realizado no Greenwich Village, em Nova Iorque, no final da década anterior. O autor pesquisou o que chama de “subcultura” dos “clones” – “homens *gays* hipermasculinizados e hiperssexualizados que viviam em grandes centros urbanos nos Estados Unidos”. De acordo com Michael Kimmel, que editou e escreveu o prefácio da publicação desse trabalho em livro após a morte de Levine, a pesquisa é uma crônica do surgimento de uma “subcultura *gay*” especificamente masculina.

Os “clones” estudados por Levine modelaram-se tanto por imagens e estereótipos associados à masculinidade “tradicional” heterossexual, quanto pela busca de autorrealização no sexo anônimo, no uso de drogas recreativas e nas festas de arromba (Levine, 1998: 7). O clone era “o mais masculino dos homens”, mas buscava sexo com outros homens.

Os estilos de apresentação dos “clones” inspiravam-se em ícones masculinos considerados tradicionais – caubói, homens que usavam couro (como

12 Sobre os clones da Castro Street em São Francisco, consultar Gregori (2007B).

13 Esse fato é também mencionado por Perlongher (2008).

motociclistas), trabalhadores, atletas, lenhadores, homens que usavam uniformes (policiais, bombeiros, patrulheiros). Uma espécie de paródia e emulação da masculinidade heterossexual, como nas performances do grupo musical *The Village People* (Levine, 1998: 61).<sup>14</sup>

O autor chama de “clones” os homens *gays* que viviam nos chamados “guetos” de grandes cidades norte-americanas, e que expressavam no *crusing*, na “caça” sexual, uma masculinidade exagerada, inspirada em imagens associadas à classe trabalhadora, aos militares e aos atletas. Para nossa discussão aqui, interessa ressaltar que Levine mostra como locais que facilitavam contatos sexuais eram importantes para esses homens – saunas, bares e clubes de sexo.

Era na conduta sexual, para Levine, que os frequentadores dos clubes *leather* buscavam mostrar que eram, afinal, “homens de verdade”. O *crusing* era o mecanismo que possibilitava a maior parte dos contatos sexuais entre eles. Era o veículo pelo qual tanto assinalavam atração sexual quanto caracterizavam a procura por parceiros eróticos. Eles “caçavam” pela afirmação de sua “atratividade” (Levine, 1998). O autor mostra como, em locais de sexo, a sociabilidade era minimizada – algumas conversas ocorriam no bar dos clubes de sexo e nas áreas comuns das saunas, mas os homens estavam ali primordialmente para caçar. E que tanto sinais de masculinidade quanto de jovialidade faziam alguém “atraente” nessa “caça”, que incluía também, especialmente nos clubes de sexo, certa ideia de “experimentação sexual” que os singularizava em relação a outros homens *gays*.

Quando fala sobre os “clones”, portanto, Levine está se reportando a uma ambientação mais geral de clubes de sexo masculinos criados em torno da relação entre a experimentação sexual e a “hipermasculinidade”, convenções que remetem ao *leather*, analisado por Rubin em sua etnografia do Catacombs, ou por Brodsky ao falar do Mineshaft.

Com o surgimento da epidemia da Aids, no início dos anos 1980, o Catacombs fecha suas portas (Rubin, 1991). Já no início da década, Rubin alertava para o fato de que o medo da doença afetaria a ideologia sexual, especialmente entre os homossexuais (Rubin, 1993). Segundo a autora, no momento em que os *gays* estavam conseguindo resultados positivos em sua luta para livrar-se do

---

14 Segundo Ghandour, o *Village People* “representava o universo dos desejos homoeróticos, apresentando-se com figurinos de figuras emblemáticas do estereótipo masculino que povoavam o imaginário dos *gays* – o operário de obras, o motoqueiro (*biker*), o índio, o policial, o marinheiro e o *cowboy*. Todos os integrantes do grupo exibiam corpos másculos e bem torneados, de acordo com o padrão de beleza masculina da época, mas demonstravam uma atitude mais solta, alegre, sensual e dançante, dando visibilidade à cultura hedonista e festiva, característica de uma parcela significativa do segmento homoerótico masculino” (Ghandour, 2008: 43-44).

“estigma” que associava a homossexualidade à doença mental, eles se viram metaforicamente associados à imagem da degradação física fatal. A síndrome, suas características específicas e forma de transmissão foram usadas para fortalecer velhos medos de que a atividade sexual, a homossexualidade e a “promiscuidade” levassem à doença e à morte. Para Rubin (1993), a Aids é uma tragédia pessoal para os que contraem a síndrome e uma calamidade para a “comunidade *gay*” como um todo.

É sabido que nos Estados Unidos o impacto provocado pela epidemia foi um dos fatores para a perseguição e o fechamento de estabelecimentos comerciais para sexo entre homens, como saunas e clubes de sexo. Segundo Rubin, o que não foi levado em conta nesse processo foi o significado que esses locais adquiriram para a formação de comunidades *gays*. Para Ralph Bolton, a década do prazer e perigo (Vance, 1984) fez da sexualidade *gay* masculina algo política, social e medicamente carregado, mais do que nunca (Bolton, 1995). Como afirma Levine, daí vem o título de sua dissertação – “Gay Macho: the life and death of the homosexual clone”.<sup>15</sup>

Se no início da década de 1980 o impacto da epidemia da Aids e as reações conservadoras levaram ao fechamento dos *leather sex clubs* que existiam nos Estados Unidos e em alguns países europeus, estabelecimentos inspirados neles (re)surgiram a partir dos anos 1990, e não apenas nesses locais.

Tais clubes são, assim, importantes para se localizar as referências que criaram determinadas convenções, que “viajaram” nos anos 1990 para outros contextos. Sugiro neste trabalho que um exemplo desse processo possa ser dado pelo surgimento recente de um mercado de clubes de sexo masculinos em Madrid, na Espanha.

## Como las convenciones viajan...

De acordo com Pérez e Rubio (2006), os “clubes de sexo” para homens são hoje “um fenômeno assumidamente transnacional, com referentes homólogos nas ditas “cenas” *gays* norte-americanas e europeias”.

15 É interessante ter em mente que essa não é a única interpretação possível a respeito dos clones. A partir de sua pesquisa de campo nos Estados Unidos no início dos anos 2000, na qual investigava a considerável segmentação do mercado de *sex shops* ao incorporar novas tendências das preferências e demandas homoeróticas, Maria Filomena Gregori notou uma tendência entre os erotismos homoeróticos masculinos: a de casais de idênticos, masculinizados, denominados localmente como “clones”. Os “clones” então não apenas não morreram, como adquiriram novos significados. Ela toma esse caso para discutir as novas conceituações sobre a sexualidade, desejo e corpo desenvolvidas pelas teorias feministas de origem anglo-saxã no exame da pornografia (Gregori, 2007B).

Num site da internet intitulado “Gay Leather Fetish History”, os autores lembram que hoje em dia muitos bares e clubes *leather* são encontrados em grandes cidades do chamado “Ocidente” – nos Estados Unidos, na Austrália e na Europa central e do norte. Há também, eventos anuais em torno do *leather* em diferentes locais do mundo.

Em Amsterdã, que até recentemente se intitulava a ‘capital gay da Europa’, muitas bandeiras *leather* podem ser encontradas na área de Warmoesstraat, onde os bares leather sempre estiveram e ainda estão.<sup>16</sup>

Ao final de meu trabalho de campo em São Paulo, tomei conhecimento de uma investigação levada a cabo por pesquisadores espanhóis em “locais para sexo anônimo” (LSA) entre homens na cidade de Madri, na Espanha (Pérez e Rubio, 2006).<sup>17</sup> Sua principal preocupação era identificar fatores de vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis, focando na questão do acesso e uso de preservativos nos “locais de sexo anônimo” masculinos da capital espanhola, locais que facilitam relações sexuais *in loco*, quer dizer, saunas, bares com quarto escuro e clubes de sexo, que são denominados na pesquisa como locais de sexo anônimo (LSA), muito embora o anonimato seja uma dimensão presente em graus diferenciados de acordo com cada local, que formam uma parte importante do repertório de atividades de muitos madrilinhos, e representam uma instituição-chave do assim chamado “ambiente” (Pérez e Rubio, 2006: 3).

Segundo os autores, Madri é a cidade espanhola que mais tem locais para sexo entre homens, o que atrai turistas de outros locais da Espanha e, quando há grandes “festas”, também de outros países europeus. Isso explica o grande número de estabelecimentos pesquisados, incluindo diversos “bares com quarto escuro”, clubes de sexo e saunas.

Os autores apontaram os clubes de sexo madrilinhos como locais que se orientavam a uma clientela especificamente interessada em práticas sexuais “dissidentes” e que, em geral, favoreciam o estabelecimento de relações mais intensas do que em outros locais para sexo “anônimo”, tais como quartos escuros de boates.

16 Disponível em: <<http://www.cuirmale.nl>>. Acesso em: 10/12/2009.

17 O estudo foi realizado através de um convênio entre o Instituto de Salud Pública da Comunidade Autónoma de Madrid e o Departamento de Antropología Social da Universidad Complutense, com apoio de dois grupos da militância LGBT, COGAM e Fundación Triángulo. Sou grato ao professor Luiz Mello, que me apresentou essa pesquisa, colocou-me em contato com seus responsáveis e me encorajou, assim como minha orientadora, a realizar um estágio de doutorado na Espanha.

O elemento que mais me chamou a atenção no relatório da pesquisa dizia respeito à segmentação do mercado de clubes de sexo na cidade: eles pareciam diferenciados a partir de estilos e escolhas eróticas diversas, como clubes específicos para entusiastas do *leather* (*cuero*) e do *fist-fucking*. Esses clubes, para Pérez e Rubio, eram “o suporte (comercial) de elementos de identificação em relação a valores e práticas erótico-sexuais específicas” – eram os “clubes de *sexo duro*”<sup>18</sup>. Destacavam a presença de diversos “fetiches” (roupas, acessórios, práticas sexuais consideradas “dissidentes”, como sadomasoquismo) como um elemento discursivo diferenciador desses clubes em relação a outros locais para sexo, tidos como “tradicionais”, como as saunas. Ressaltavam também a valorização da “virilidade” como um elemento “identitário” entre os frequentadores, que muitas vezes são entusiastas do *leather* e de outros “fetiches que evocam hipermasculinização” (Pérez e Rubio, 2006).

## Chueca

Cheguei a Madri em pleno verão. O clima ensolarado e seco fazia da bela cidade um turbilhão de turistas. Aluguei um pequeno apartamento próximo à Praça de Chueca, de onde poderia ir facilmente aos clubes que queria conhecer.

O bairro de Chueca é popularmente conhecido como o bairro *gay* de Madri (Pérez, 2004). Segundo Fernando Villaamil Pérez, até meados dos anos 1990 Chueca era um local que, como outros do centro de Madri, se caracterizava “pela concentração de atividades não normativas, quando não ilegais. Nele predominavam a prostituição e o tráfico de drogas, que coexistiam em alguns locais que atendiam uma clientela homossexual” (Pérez, 2004), muito embora as relações entre os *gays* em tais locais não se dessem de modo tão visível quanto atualmente. A “explosão” de Chueca como fenômeno *gay* se deu a partir da segunda metade da década de 1990. Ano após ano, aumenta o número de estabelecimentos comerciais voltados para esse público no bairro. Chueca tem crescido nos últimos anos a partir da associação de uma vasta rede de serviços e empresas voltadas para o público *gay* (Cortés, 1997).

Chueca é um marco. E uma marca também: é conhecida na Europa toda como um espaço “livre”, para *gays*, lésbicas e transexuais. É assim que o bairro é

18 Categoria êmica utilizada em Madri para referir-se a alguns clubes de sexo. Nesse contexto, sexo “duro” alude a uma tradução do termo inglês *hardcore*, evocando práticas sexuais diversas, percebidas por seus sujeitos como potencialmente transgressivas, como o *fist-fucking* e o *pissing* (“chuva dourada” – jogos eróticos que incluem a urina). Também ouvi em campo a expressão *sexo cerdo*, que remete à noção dos *pig circles* de que falava Levine (1998), ao remeter-se aos *leather sex clubs* estadunidenses.

anunciado em revistas, *flyers*, anúncios, nas lojas, em vários espaços e de diversas maneiras. É uma região da cidade que virou um produto e abertamente está ligada a uma imagem comercial. E que também tem um valor político inegável e bastante presente nas falas das pessoas com quem conversei em campo, que sempre se reportaram ao bairro nesse duplo aspecto, ressaltando seu caráter inegavelmente comercial, mas também seu valor “político”.

A gama de possibilidades de diversão noturna nos arredores de Chueca é bem variada, e a maioria dos lugares está mesmo no entorno da Praça, onde fica a estação de metrô, e nas ruas adjacentes. Os locais para sexo estão nas ruas próximas, como a calle Pelayo.

Pérez e Rubio apontam para as modificações recentes ocorridas em Chueca: o surgimento do que chamam de *cenar* – “o conjunto de locais que são considerados uma unidade por parte tanto dos usuários como dos donos dos mesmos em função de aspectos como a idade dos frequentadores predominante neles (por exemplo, “saunas de mais velhos”, “bares de jovencinhos”), do tipo de práticas sexuais mais visíveis (bares *leathers*, nudistas, fetichistas, de sexo anônimo) e/ou, por exemplo, da modalidade de masculinidade favorecida nos mesmos (bares de ursos, por exemplo)” (Pérez e Rubio, 2006: 16). Eles afirmam que se verifica o surgimento recente dessas *cenar* e a decadência dos locais para sexo mais *generalistas* (inclusivos).

Em certo sentido, eles estão falando aqui do mesmo processo analisado por França (2006; 2009) em São Paulo: a recente e crescente segmentação do mercado *gay* e suas implicações no que diz respeito à constituição de subjetividades e *estilos* identitários variados. Essa análise também é sugerida por Javier Saez, num artigo em que fala sobre o recente surgimento da *cultura de cuero* e da *cultura de los osos*<sup>19</sup> em Madri (Saez, 2003).

Minha pesquisa na capital espanhola incluiu cinco estabelecimentos. Três deles localizados dentro da zona de Chueca, sendo possível chegar a todos caminhando da praça central do bairro em alguns minutos: Eagle, Odarko e Copper.<sup>20</sup>

Assim como em São Paulo, em Madri também é recente a criação dos “clubes de sexo” masculinos, surgidos também nos anos 1990. Os clubes de sexo madrilênses foram narrados por seus empresários e frequentadores como uma espécie de reação ou distanciamento aos locais comerciais para encontros sexuais tidos como mais “tradicionais”, como as saunas. Esse aspecto já está

19 Osos são os “ursos”. Os ursos podem ser definidos, grosso modo, como “homens *gays*, *gordos*, *peludos* e *masculinos*” (França, 2009: 2).

20 Os outros clubes estavam em outros bairros também centrais da cidade – Hell e The Paw.

manifesto, como concordam Pérez e Rubio, na escolha dos nomes desses clubes, que conotam “rudeza” e “marginalidade” (Pérez e Rubio, 2006). Destaca-se também nos estabelecimentos pesquisados a presença de diversos elementos associados à iconografia *leather* (tais como os desenhos de Tom da Finlândia) e ao BDSM, bem como à pornografia *gay* neles inspirada.

A partir de meu trabalho de campo e também das entrevistas que pude realizar com os donos e alguns frequentadores desses estabelecimentos, percebi que três dos clubes de sexo eram considerados localmente como “*generalistas*”. Isso significava que a exigência para se entrar neles limitava-se à nudez obrigatória, que constituía seu único *dress code*. Havia neles elementos decorativos que remetiam ao *leather* e ao BDSM, mas não eram considerados clubes de sexo “*duro*”.

O principal diferencial dos clubes de sexo “*duro*” eram, a princípio, as festas específicas, com a obrigatoriedade de códigos de vestimenta, voltadas para o público interessado em práticas sexuais consideradas localmente como “*duras*”, tais como o *pissing* (urina) e o *fist-fucking*. Há na capital espanhola dois clubes considerados pelos entrevistados como “*duros*”: O Odarko e o Eagle.

O Odarko foi criado em 2003. Seu público é majoritariamente composto por homens na faixa dos 25 aos 50 anos. Fica numa rua paralela à Gran Vía, a maior avenida da cidade, espécie de “cartão postal”, perto da estação de metrô Callao (na calle Loreto y Chicote). É Chueca ainda. Há uma rua próxima ao clube, conhecida pela prostituição.

A porta do clube é cinza, iluminada. Com o nome ODARKO na entrada. Esse clube abre depois das 22 horas. E funciona até de madrugada. O Odarko traz em sua programação festas aos finais de semana, com códigos de vestimenta obrigatória, que inclui desde roupas militares até esportivas. Fui a uma festa voltada ao *pissing*, chamada de “*código amarillo*”. Outro evento a que pude ir no clube foi a festa *Into the Tank*, que ocorre anualmente. “Um evento ‘europeu’ em Madrid, como a *Gay Pride*, como o concurso de *Mister Leather* de Berlim”, me disse um de seus organizadores. Essa foi uma festa voltada aos amantes das práticas consideradas “*duras*”. Outra das *fiestas de código* à qual pude ir no Odarko foi a *Sneakers*, que ocorria no último domingo de cada mês. O código exigido era roupa esportiva e tênis – jaquetas e calças estilo “Adidas”, ou calção de futebol, de boxe, de esqui, enfim, de qualquer esporte.

O clube estava decorado especialmente para a festa. Basicamente, essa decoração envolvia os filmes que estavam passando na TV, todos com temática *sneaker* (filmes de garotos com roupas esportivas, de tênis e praticando a podolatria), e uns *banners* que pairavam do teto, com os logotipos de marcas esportivas de grife (Nike, Adidas, New Balance, dentre outras).

O resultado então era um mar de homens com roupas de esporte fazendo sexo. Alguns inclusive estavam mesmo vestidos de jogadores de futebol, com camisetas de time e calções, além do meião até o joelho. E isso dava azo ao tema da festa, para os “fetichistas” por tênis, por “chulé”, os *sneakers*, que têm prazer em cheirar e lambeir pés, meias, tênis. Eu ia para a sala da entrada, na área do bar, e via as cenas dos filmes. Voltava para a área de sexo e as via sendo praticadas “ao vivo”.

## Eagle

O outro estabelecimento considerado “de sexo *duro*” que pude conhecer em Madri foi o Eagle, um espaço *leather* aberto em Chueca em 1995. A faixa etária de seus usuários também varia, sobretudo, entre os 25 e os 50 anos, embora comparativamente ao Odarko eu tenha notado uma presença ligeiramente maior de homens com mais de 35 anos. Indo às suas *fiestas de código*, fui aos poucos conhecendo seus frequentadores, alguns dos quais aceitaram ser posteriormente entrevistados. Foi fundamental, nesse sentido, ter ganhado a simpatia de algumas pessoas. Em primeiro lugar, de seu proprietário, Roberto. Ele gostou da pesquisa e se dispôs a me ajudar, tanto apresentando amigos, passando seus contatos, quanto me arrumando uma entrada para a *Into the Tank*. Ele acabou sendo, assim, meu “*Mr. Benson*” de Madri.<sup>21</sup>

Roberto estava com 41 anos quando o entrevistei e morava em Madri desde 1994, sendo que desde 2006 morava com seu namorado, alguns anos mais jovem, com quem mantinha uma relação “aberta”, não exigindo exclusividade sexual.

Ele nasceu em Bilbao, onde sua família tinha um restaurante. No início dos anos 1990, viajou por outros países da Europa. Buscava a possibilidade de trabalhar em algo de que gostasse e, ao mesmo tempo, desfrutar o sexo em suas várias nuances. Estava, como ele disse, em uma fase de “experimentação” sexual e pessoal. Passou um tempo na Alemanha, onde trabalhou em locais inspirados no *leather*. Teve contato com práticas sexuais “*duras*”, tendo iniciado seu gosto pelo sexo em grupo, pelo *fist-fucking* e por jogos de dominação e submissão.

---

21 Esse foi o pseudônimo que utilizei na tese para um de meus principais colaboradores em São Paulo. Trata-se de um agradecimento e de uma homenagem. *Mr. Benson*, de John Preston, é reconhecido como um dos mais importantes romances *leathers* norte-americanos e me foi por *ele* emprestado, numa das vezes em que fui a sua casa para entrevistá-lo. A novela teve sua publicação seriada na revista *Drummers*, nos anos 1970 (Califia, 1991).

Meus colaboradores de pesquisa ressaltaram o quanto a internet teve um efeito importante “no ambiente”<sup>22</sup> madrilenho no início dos anos 1990, ao colocar em contato aqueles que mantinham “suas roupas de couro, literalmente, ‘no armário’”, como disse Roberto. Nesse mesmo contexto, houve a criação de locais comerciais onde as práticas “*duras*” podiam ser exercidas de modo “protegido”.

Ao chegar em Madri, sendo bastante musculoso, com muitas tatuagens e *piercings* (incluindo uma joia nasal chamada *captive ring*, o que para ele o fazia parecer-se com um touro), Roberto percebeu que só conseguiria arrumar emprego nos *locales de ambiente*.

De acordo com os entrevistados, havia desde o final dos anos 1980 um famoso bar *gay* na cidade cujo dono passou a organizar no início da década seguinte, junto a amigos, festas inspiradas no *leather* e no sadomasoquismo. Elas eram realizadas em galpões industriais nos arredores da cidade e atraíam pessoas de toda a Espanha e mesmo de outros países europeus. Foram elas que deram origem ao MSC (Motor Sport Club) Madri, que acabou se convertendo no primeiro clube para entusiastas do couro e de práticas sexuais “*duras*” da cidade. Mas ele não era um clube de sexo propriamente. As pessoas se reuniam nele para organizar suas festas em outros locais, sobretudo privadamente. Quando chegou à cidade, em 1994, Roberto foi trabalhar no bar e passou a colaborar com a organização das festas.

Em 1995, Roberto decidiu abrir, junto a seu sócio, o Eagle, na calle Pelayo, próximo à Praça de Chueca. Ele foi primeiro clube de sexo a exigir códigos específicos de vestimenta. O estabelecimento funciona durante o dia como um bar/café e, à noite, como um clube de sexo, trazendo em sua programação duas festas por mês voltadas ao sexo “*duro*”, notadamente ao *fist-fucking*.

Então começamos a organizar as festas de sexo: festas de *fisting*, festas S/M, algumas festas de *pissing*, meio que por temas... festas de sexo duro [...]. Ocorre que um dos códigos de vestimenta mais utilizados na Europa é o couro, certo? Assim como o militar, o látex, agora ultimamente a roupa esportiva, as vestimentas de rugby, futebol, enfim, todas estas estéticas que correspondem a profissões que são historicamente associadas à masculinidade, certo? O policial, o bombeiro. Ou seja, o que sempre tem sido masculino. Porque tem sido muito masculino? Pois requer muita resistência física,

22 Expressão utilizada localmente para referir-se aos estabelecimentos voltados ao público *gay* – bares, discotecas, saunas etc.

ou violência, ou testosterona, e por aí vai, certo? Está claro porque são esses e não outros? (Roberto)

Na esteira do Eagle, aos poucos foram sendo abertos os demais clubes de sexo masculinos na cidade. O Odarko surgiu em 2003. Seu dono, Pablo, também estava com 41 anos quando conversamos. Há 12 anos vivia com seu companheiro e sócio, dois anos mais jovem, mantendo uma relação “aberta”. Ele nasceu em Madri e, entre o final dos anos 80 e início dos 90, viveu por cinco anos em Londres, onde conheceu os *sex clubs* locais, o *fist-fucking* e as festas que exigiam *dress code*. “Nada disso existia em Madri naquela época”, segundo ele. Em suas viagens, Pablo teve contato também com os bares e clubes *leather* de Amsterdã e Berlim. Ao retornar de Londres, ele queria trazer o que conhecera no exterior para Madri. Foi quando descobriu o recém-inaugurado Eagle. Trabalhou nele como garçom durante 5 anos, tornando-se amigo de Roberto. Em 2000, resolveu abrir seu próprio clube, que manteve por dois anos.<sup>23</sup> Pablo e seu companheiro também tinham interesse no sexo “duro” e em “fetiches” associados ao “esporte” (como os *sneakers*), além de práticas como o *pissing*. Aos poucos, o Odarko foi se especializando na realização de festas com essas temáticas. Já o Eagle passou cada vez mais a realizar festas de *fist-fucking*, que, dentre as práticas consideradas “duras”, era a que mais agradava a Roberto.

É interessante perceber, então, que tanto o Eagle quanto o Odarko foram criados por homens que tinham interesse pela experimentação sexual e pelo sexo em grupo e que relataram ter tomado conhecimento de estabelecimentos similares em experiências vividas no exterior – notadamente países do norte europeu, tais como Alemanha, Holanda, Inglaterra e França, além dos Estados Unidos.

## O gosto do (pelo) *cuero*

A partir das conversas e entrevistas com os donos e frequentadores desses estabelecimentos, percebi que a separação entre os clubes de sexo “duro” e os clubes “*generalistas*”, para além da questão da existência de “*fiestas de código*” e de entusiastas de práticas sexuais como o *fist-fucking* e o *pissing*, tinha a ver também com a ideia de que seus criadores e clientes apresentavam um interesse

23 O clube foi aberto em outro bairro central, chamado La Latina, em uma casa onde antes funcionava um “*puticlub*”, um “*bar de chicas*” (local para garotas de programa). O The Paw, outro clube que conheci em campo, funcionava na época da pesquisa no mesmo prédio onde Pablo manteve esse primeiro estabelecimento, sendo mantido por um casal heterossexual.

“legítimo” por essas práticas. Os demais clubes de sexo não apenas não incluíam festas “*duras*”, como eram mais recentes e formados por pessoas que não chegaram a participar da formação dos primeiros encontros *leather* na cidade – não faziam parte da rede de amizades de seus organizadores. Os frequentadores dos clubes “*generalistas*” frequentemente avaliaram de maneira negativa, ou pejorativa, tanto as práticas quanto o público dos clubes “*duros*”, entendidos por eles como “descontrolados”, “sem limites”. Já os clubes “*duros*”, para seus proprietários e frequentadores, eram mais do que “mercado” – tinham a ver com um interesse “verdadeiro”, um “gosto” pelo *leather* e por sua “postura” pretensamente contracultural, pelo deslocamento de normatividades sexuais que a experimentação sexual, para eles, implica. Os demais clubes seriam “só mercado”. Essa segmentação entre clubes “*generalistas*” e de sexo “duro”, que se dá a partir de escolhas eróticas, tem a ver, então, com retóricas “de distinção”, no sentido dado por Pierre Bourdieu.

E não deixa de ser interessante observar que o contexto que tornou tais empreendimentos possíveis mescla a trajetória e as preferências erótico-sexuais de seus idealizadores (e de seus amigos) com um momento de expansão da segmentação do mercado *gay* madrilenho e de explosão do fenômeno *Chueca*, que se deu, como já dito, a partir de meados dos anos 1990 (Pérez, 2004).

Ao longo dos meses em que estive na cidade, fui várias vezes ao Eagle, em dias alternados – tanto naqueles em que não se exigiam, quanto nos em que se exigiam códigos de vestimenta específicos para se poder entrar. Chegava, sentava-me à *barra* (balcão do bar), acendia um cigarro, pedia uma cerveja e ficava a observar.

Um episódio curioso foi quando, eu sentado ao balcão, aproximou-se de mim um frequentador e começamos a conversar sobre a pesquisa. Ele achou o tema interessante. Em dado momento, pediu-me um cigarro. Eu retirei meu maço do bolso, e ele então brincou, perguntando se não tinha “cigarro de homem”. Eu ri sem entender. Ele, rindo, disse que era uma *broma* (uma piada): já que eu estava interessado em interpretar aquele ambiente, deveria saber que “homens de verdade” fumam cigarros de filtro amarelo.

“Today: Fist Session, 22 horas”

Com essas palavras escritas a giz num letreiro pequeno colocado logo à entrada do clube, o Eagle anunciava que então era noite de festa. E de uma temática específica: noite para entusiastas e praticantes de *fist-fucking*. Complementava o letreiro o aviso de que a entrada estava restrita àqueles que aderissem ao código de roupa: “couro, borracha, militar, *skinhead*, esportista, *naked*”.

Para sair de casa, como tantas outras vezes tive que me “disfarçar” de militar. Saí com uma camiseta preta, uma pulseira de couro, a calça militar e os coturnos. E por cima de tudo, uma jaqueta de courino. Estava frio. Era começo do outono. Trarei aqui alguns trechos de meu diário de campo, a fim de ilustrar a análise.

Cheguei à porta do Eagle e toquei a campainha. Fui recebido por um garçom que me olhou de cima abaixo e, vendo que eu estava vestido apropriadamente, deixou-me passar. Lá dentro já havia alguns homens e todos eles estavam com vestimentas *leather*. O clube estava decorado especialmente para o evento: os filmes eram todos de *fist-fucking*, nos dois televisores, no da entrada e no da sala ao lado. Uma espécie de maca/mesa de couro estava na porta, onde alguns homens se encostavam e outro limpava com um paninho branco, provavelmente retirando os vestígios de alguma cena que deveria ter acabado de ocorrer ali. Era como ver ao vivo um quadro do Tom da Finlândia, com seus personagens estereotipados, masculinos, de couro, nus. As vestimentas variavam – tiras de couro em formato de x no peito, *jockstraps* ou nus, coletes de couro, alguns com quepes. Alguns com coturnos. Sempre roupas pretas. Alguns estavam com *jockstraps* vermelhas, o que descobri ser indicativo do gosto pelo *fisting*. A maioria ali tinha mais de 35 anos, alguns beirando os 50 e poucos, e alguns com cerca de 60 anos. Os estilos variavam do urso de barba e peito peludo, um pouco cheinhos, ao “malhadão”, de barba e cavanhaque. Não havia ninguém depilado e os que estavam nus não tinham os pelos pubianos aparados. Entrei junto com outro rapaz que ficou de tênis e cueca branca apenas. Logo depois que entrei, o garçom careca e alto me perguntou se não queria guardar minha jaqueta no guarda-volumes. Eu já havia pegado também uma cerveja no balcão, porque é de bom tom, já que não se paga a entrada. Deixei minhas coisas e voltei ao balcão. Foi quando um homem de uns 50 anos, barbudo e todo vestido em couro, com um x no peito, coturno e uma calça de couro bem justa, meio gordinho, e fumando um cachimbo, começou a dizer que eu tinha de ficar sem camisa. Perguntei se era necessário, se era obrigatório. Ele disse que sim, que era para dar “morbo”, que a camiseta não dava morbo. (Diário de campo, Madri, setembro de 2008)

Eu já havia entrevistado algumas pessoas e começava a entender o que era morbo: Essa palavra poderia ser traduzida no Brasil como “tesão”, mas de um

tipo especial. Morbo seria um tesão “proibido”, ou como me havia dito um colaborador, do tipo que se sente mas por vezes sem assumi-lo. Pode ser utilizado também como referência a uma curiosidade “mórbida” – como quando alguém para para ver um acidente de carro. Os clubes de sexo madrilinhos eram, para aqueles com quem pude conviver e a quem pude entrevistar, *morbosos*.

Achei intrigante que as pessoas chegavam com roupas de dia a dia e estavam com a roupa “especial” por baixo.<sup>24</sup> Por baixo, estavam alguns em *full leather*, alguns poucos em borracha, látex. *Jockstraps*, nus. Trocavam os calçados e roupas mundanos pelas fantasias. E é incrível ver a transformação de executivos, rapazes de jaqueta branca de pano, nos “personagens” daquele cenário. A postura muda, os gestos, até a feição. Era como um “desfile de moda”. Quem estava ali esperava o momento da transformação. Analisava o corpo, os músculos, os detalhes. Os acessórios. Havia muitos tatuados e muitos com *piercings* nos mamilos. Alguns com argolas no nariz, por vezes bem grandes, como touros. Um detalhe que não pôde passar despercebido – as cabeças todas raspadas. E muitos totalmente carecas. Alguns deixam uma pequena faixa de cabelo no meio e raspam totalmente do lado. E todos eram brancos. Não havia um negro ou descendente de orientais ali. Na sala ao lado do balcão, foi montado um aparato idêntico ao que se usa para praticar *body suspension*,<sup>25</sup> mas o que se pendurava nele não era um corpo, mas uma nova e reluzente *sling*, bem grande mesmo, em couro e correntes. Difícil não notar a apropriação de elementos da *body modification* nesse cenário – as tatuagens, os *piercings* nos mamilos. Como uma utilização de técnicas da *body modification* para compor o cenário e as posturas “agressivas”, a performativização da agressividade e do morbo que caracteriza a postura “*de cuero*”. (Diário de campo, Madri, setembro de 2008).

Ouvi muito de meus interlocutores, tanto em São Paulo quanto em Madri, acerca da “postura *leather*” (ou de *cuero*). Ela seria, grosso modo, a encenação de uma virilidade estereotipicamente “heterossexual”, nesses espaços. Nos clubes de sexo duro madrilinhos, brincava-se o tempo todo com o estereótipo do masculino. A “violência”, a “agressividade”, a virilidade, atributos associados à masculinidade hegemônica (Connell, 2005), estavam sendo encenadas ali, mas num cenário de um jogo erótico, que é consensual e realizado num espaço privado no qual a intimidade se torna pública, que tem plateia e, quiçá, juízes, que

24 Exatamente como a descrição que Gayle Rubin faz do Catacombs (Rubin, 1991).

25 Uma das práticas do campo da chamada *body modification*, em que o corpo é suspenso por ganchos de metal fincados na pele (Braz, 2006).

avaliam quem está adequadamente jogando (“retire a camiseta”, “fume cigarro de macho”). Era mesmo como uma encenação de um descontrole, mas absolutamente controlado. Um descontrole seguro.<sup>26</sup> Difícil não pensar no que Bourdieu diz da “infantilidade” masculina ao analisar um texto de Virginia Woolf (Bourdieu, 2000), quando se veem homens gays vestidos de couro, super “agressivos” estética e gestualmente, comentando sobre as roupas, “brincando” como garotos e rindo da sua própria encenação do descontrole, do absurdo, do teatro do absurdo. Esquizofrenia controlada, “libertinos” que sabem perfeitamente que o “risco” ali é encenado. A quebra de limites, a busca por experiências erótico-sexuais limítrofes, porém seguras, controladas.

Ninguém foi penetrado de maneira “convencional”, pelo pênis. Quem estava ali para penetrar, estava para fazê-lo com o punho. E quem estava ali para ser penetrado, estava para sê-lo por punhos hábeis e treinados. E de luvas. Inclusive, recolhi no bar um folheto criado por uma ONG local contendo explicações de como realizar um *fst* seguro. E a coisa foi esquentando. E o sexo ali ao balcão, na sala de entrada, espalhando-se por todos os lugares – homens sendo fistados em pé, chupando cus, picas. Rindo, bebendo, conversando. Os filmes mostrando aquelas imagens todas, muito parecidas com as que via no bar. Aquelas cabeças quase todas rapadas, ou de cabelos curtos, com corpos musculosos. Muito couro, borracha, coturnos, adornos, pulseiras, jockstraps, quepes. Muita barba, pelo e músculos. E aquela música repetitiva. Parecia mesmo um filme pornô. A fumaça do cigarro, a bebida... um exagero de corpos, de sexo, de fluidos. Um brincar com a perda do controle. (Diário de campo, Madri, setembro de 2008)

Nos clubes de sexo duro de Madri, percebi que os limites da sexualidade (Gregori, 2010) eram testados o tempo todo: brincava-se com eles, tirava-se sarro deles. A postura *de cuero*, segundo meus colaboradores, teria a ver justamente com isso – com um ironizar constante de todas as convenções que dizem o que é um homem, o que é um sexo correto, o que é correto. Tais elementos trazem implícito um desafio: como interpretar à luz de categorias e convenções que fazem sentido fora dos clubes, práticas que brincam o tempo inteiro com inversões do cotidiano?<sup>27</sup>

26 Tais considerações são mais bem desenvolvidas na tese, quando discuto a questão do *descontrole controlado* de práticas e corpos nos clubes de sexo (Braz, 2010).

27 “Como dizer o indizível?” Esta é uma das primeiras perguntas lançadas por Paulo Rogers Ferreira em um livro fruto de pesquisa de Mestrado em Antropologia defendida na UnB e premiada pela Anpocs, em

## Considerações finais

Os clubes de *sexo duro* madrilenhos fazem parte de um mercado, inspirado nas convenções culturais criadas pelos clubes norte-americanos e europeus dos anos 1960 e 1970. Surgiram na cidade em meados dos anos 1990, num contexto de intensificação da segmentação do mercado voltado a homossexuais e de explosão do fenômeno Chueca como um bairro gay comercial. Arrisco dizer que o que os clubes vendem e seus clientes consomem, para além da possibilidade da experimentação de “fetiches” e práticas sexuais dissidentes, é o estereótipo da “masculinidade viril”.

Os clubes têm um investimento enorme em determinada estética e infraestrutura *leather*. As combinações variam, mas há alguns elementos neles, objetos, imagens, que são produzidos e consumidos para que eles existam. A criação de um espaço de consumo de uma estética *leather*, bdsm, militar, *skinhead*, esportista (esses são os principais códigos de vestimenta obrigatórios nas festas) demanda a existência de uma indústria indumentária e de acessórios que é consumida por aqueles que querem entrar nos clubes e participar do jogo. As “chuteiras da Nike” são neles as calças de couro, as pulseiras, os adornos, os *cockrings* (anéis penianos), os coturnos. E há lojas espalhadas por Chueca especializadas na venda desses produtos. Tanto o proprietário do Eagle quanto o do Odarko são donos de lojas como essas, que comercializam as vestimentas exigidas nas *fiestas de código* de seus próprios estabelecimentos. De todo modo, o mais interessante antropológicamente é pensar que esse mercado não se cria para satisfazer mecanicamente aos desejos de consumo desses frequentadores, mas, em certo sentido, ajuda a criá-los.

Segundo Gregori, a emergência de *sex shops* em São Paulo não pode ser vista como mero reflexo de novas configurações nas relações de gênero ou de novos padrões para as práticas sexuais. Trata-se antes de um processo de direções variadas que implica, de um lado, a articulação entre “sacanagem”, autoestima, ginástica e prazer, perdendo, assim, seu sentido clandestino anterior; de outro lado, a constituição de etiquetas para os praticantes a partir de convenções de gênero e de sexualidade (Gregori, 2007A: 12).

Os clubes de sexo masculinos podem ser pensados nessa chave. Nesse sentido, são uma ponta de um mercado pornográfico em torno de práticas sexuais dissidentes e experimentação erótica que inclui os clubes, lojas de roupas e acessórios, *sex shops*, páginas da internet, produtoras de filmes especializados

---

2007. O “indizível”, no trabalho, eram as práticas sexuais levadas a cabo por camponeses em Goiabeiras, nome fictício dado a um pequeno vilarejo do sertão cearense (Ferreira, 2008).

nessas práticas. E inclui também um circuito quase que *mundializado*, visível em países do norte da Europa, nos Estados Unidos, na Espanha... e no Brasil.

Em Chueca, é recente a introdução desses espaços menos *generalistas*, ou seja, que implicam em códigos específicos de vestimenta, de corporalidade e de escolhas e práticas sexuais. Mas esses elementos já existem há tempo, assim como os filmes que tratam do *leather* e de *bds*m, como a discussão em torno dos clubes *leather* norte-americanos e de alguns países europeus dos anos 1960 e 1970 aqui trazida buscou apontar. E é a mesma estética que se vê nos filmes que são passados nos clubes; e que é incorporada por muitos de seus frequentadores.

Outro aspecto interessante é analisar o modo como convenções de gênero operam nesse mercado. Levanto a hipótese de que, nesses clubes, é possível observar a exacerbação, incorporação e “encenação” de elementos que compoariam a “masculinidade heterossexual” e a virilidade estereotipadas. Vive-se nelas uma “fantasia sexual” ao lado daqueles que tem mais gosto pelo que é *dirty*, pelo *nasty*... na Espanha, se diria pelo *morbo*.

É interessante, talvez, do ponto de vista das teorias de gênero contemporâneas e, especialmente, da perspectiva *queer*, que sejam homens *gays* que estejam apropriando-se e incorporando tais convenções, consumindo um mercado de “ócio sexual” criado a partir de elementos do que seria o masculino mais estereotipado. Esse mercado também se cria, como os *sex shops* estudados por Gregori (2010), a partir de uma positivação que passa pelo lúdico. E também pela paródia, pela simulação de elementos potencialmente “violentos”, que fletam com os limites da sexualidade. Sendo assim, é possível, talvez, apontar a performatividade de estereótipos de gênero nos clubes de *sexo duro* paulistas como práticas ou atos corporais potencialmente subversivos, no sentido dado por Judith Butler (2003), quando aponta as *drag-queens* como exemplos de práticas potencialmente subversivas das normas da feminilidade. Assim, os clubes de *sexo duro* seriam interessantes antropologicamente justamente por expor “o masculino” também como uma espécie de *pastiche*.

## Referências

- BOLTON, Ralph. “Tricks, friends and lovers – erotic encounters in the field”. In: Kulick, Don; Willson, Margaret. *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *La Dominación Masculina*. Barcelona, Anagrama, 2000.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da Pele – um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Unicamp, 2006.

- \_\_\_\_\_. *À Meia-Luz – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais, Campinas, UNICAMP, 2010.
- BRODSKY, Joel I. “El Mineshaft: una etnografía retrospectiva.” In: Weinberg, Thomas S. (ed). *BDSM – Estudios sobre la dominación y la sumisión*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith e RUBIN, Gayle. “Tráfico sexual – entrevista (Gayle Rubin com Judith Butler)”. *Cadernos Pagu* (21). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2003.
- CALIFIA, Pat. “The limits of the S/M relationship, or Mr. Benson doesn’t live here anymore”. In: Thompson, Mark (ed.), *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*, Boston, Alyson Publications, 1991.
- CLIFFORD, James. “Culturas Viajantes”. In: Arantes, Antonio A. (org.). *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- CONNELL, R. W. *Masculinities* (2 ed.), Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.
- CORTÉS, José Miguel. “Acerca de modelos e identidades”. In: Aliaga, Juan Vicente e Cortés, José Miguel. *Identidad y Diferencia – sobre la cultura gay em España*. Barcelona-Madrid: Egales, 1997.
- EDWARDS, Tim. “Queering the Pitch? Gay Masculinities”, In: Connell, R.W., Kimmel, Michael S., Hearn, Jeff (eds.), *Handbook of Studies on Men & Masculinities*. Califórnia: Sage Publications, 2005.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidade e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, IFCH/Unicamp, 2008.
- FERREIRA, Paulo Rogers. *Os afetos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas*. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2008.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, São Paulo, USP, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Gordos, Peludos e Masculinos: homossexualidade, gênero e produção de categorias em São Paulo”. Trabalho apresentado no *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro: SBS, 2009.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade (Coleção Primeiros Passos)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GHANDOUR, Kassem Mahamad. “Marujos a Bordo” – o desejo homoerótico, a estética camp e a moda de Gaultier. Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

- GREGORI, Maria Filomena. "Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m". In: Carrara, Sérgio; Gregori, Maria Filomena; Piscitelli, Adriana (orgs.), *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Mercado Contemporâneo de Bens Eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais". Comunicação apresentada no 31º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, Anpocs, 2007A.
- \_\_\_\_\_. A Pornografia e os Clones da Castro Street. Trabalho apresentado na VI International Conference: *Dis/Organised Pleasures Changing Bodies, Rights and Cultures*, Lima/Peru, IASSCS, 2007B.
- \_\_\_\_\_. Prazeres Perigosos – erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de Livre-Docência, Departamento de Antropologia, IFCH, Campinas, Unicamp, 2010.
- LEVINE, Martin P. *Gay Macho – the life and death of the homosexual clone*. New York and London: New York University Press, 1998.
- PÉREZ, Fernando Villaamil. *La Transformación de la Indentidad gay em España*. Madrid: Catarata, 2004.
- PÉREZ, Fernando Villaamil; RUBIO, María Isabel Jociles. *Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro entre HSH*. Informe ejecutivo, Madrid, COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. "Comentário". *Cadernos Pagu* (21). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2003.
- RUBIN, Gayle. "The Catacombs: A temple of the butthole", in: Thompson, Mark (ed.), *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*, Boston, Alyson Publications, 1991.
- \_\_\_\_\_. "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality". In: Abe-love, Henry; Barale, Michèle; Halperin, David. (eds.) *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York, Routledge, 1993 [1984].
- \_\_\_\_\_. "Samois", in: *Leather Times – News from the Leather Archives & Museum*, Chicago, 2004.
- SÁEZ, Javier. "Excesos de la Masculinidad: la cultura leather y la cultura de los osos". 2003. [online] Disponível em: <<http://www.hartza.com/osos4.htm>>. Acesso em: 24/04/2009.
- STEELE, Valerie. *Fetichê: moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- VANCE, Carol. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. New York: Routledge, 1984.

WEINBERG, Thomas. *BDSM Estudios Sobre La Dominacion y La Sumision*. Bellaterra, 2008.

**Como citar este artigo:**

BRAZ, Camilo Albuquerque de, “*Como las convenciones viajan...*” – Notas etnográficas sobre clubes de “sexo duro” em Madrid. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 139-164.